

Faroeste Digital: A semiosfera virtual¹

Lisly Moreira Lucas Franco²

Felipe Moura de Oliveira³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este artigo explora o ambiente virtual, e mais especificamente os processos interacionais associados à semiosfera virtual, processos estes de construção de sentido, disputa de sentido, mediação qualificada e desinformação. A ilustração de um faroeste indica a característica perceptiva de ausência de autoridade ou regulação formal, em contraste com a realidade material. A metodologia de Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais depreende as implicações cognitivas dos usuários que habitam a realidade e a virtualidade, ou seja, daqueles que transitam a bagagem simbólica entre as duas semiosferas: os indivíduos são avatares e também são pessoas reais. O faroeste é um território em que todos são agentes e o mapeamento do cenário diante da disputa carismática da influência indica soluções para o jornalismo adaptar-se ao novo ambiente.

Palavras-chave: Influencer; Semiose; Ciberjornalismo; Mediação; Polissemia

Na obra *Informar Não é Comunicar* (2010), Dominique Wolton criticou o idealismo de utopias digitais e posicionou-se favorável à regulamentação da internet, especificamente à regulamentação política, e introduz o termo de faroeste, e como ele pode seduzir e induzir à ideologia tecnicista. Neste artigo, gostaria de expandir a analogia de um Faroeste Digital, em busca de compreender melhor a semiosfera das redes sociais. Embora cada aplicativo ou site tenha sua própria função e pontos diferenciais, o objetivo é mapear com mais subjetividade as faces do interacionismo. A partir das camadas do ambiente virtual, é possível explorar os traços de consumo de acontecimento, é um contexto de socialização em uma “terra sem lei”, mas não de habitantes sem face. Minha perspectiva começou com observar a personalidade influencer em comparação com a personalidade jornalista, visto que no estágio atual das tensões produzidas sobre o campo jornalístico pela consolidação das redes sociais digitais

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ01 – Jornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado entre 29 e 31 de agosto de 2023

² Estudante de graduação, 5º semestre do curso de Jornalismo da Fabico-UFRGS. E-mail: lmljornalismo@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo na Fabico-UFRGS. E-mail: felipecomunica@gmail.com

como espaço de disputa de sentidos em torno dos acontecimentos públicos, é necessário demonstrar porque o jornalismo poderia beneficiar-se da aproximação de novas técnicas ou beneficiar-se da proximidade com o outro.

Tratarei não apenas da mediação qualificada do jornalismo ou dos comunicadores informais (influencers), mas também do público, com a alternativa de que há autonomia disponível para que os usuários - aqui sem distinção técnica ou social - consigam, eventualmente, auxiliar o ambiente à homeostase. Em contraste com a preocupação da riqueza de produção de sentidos, ao considerar a autonomia do usuário que se adapta ao sistema cultural de uma plataforma de rede social, é possível que os ambientes interativos virtuais estejam sempre em processo de homeostase. Tal qual na vida material, a negociação da linguagem que compartilha (quali-signo), seduz (sin-signo), convence (legi-signo).

Os dados a serem analisados ocorrem na construção da realidade, isso significa estudar as perspectivas do processo semiótico no jornalismo digital, especificamente diante da crise do jornalismo e cenários de disputa de mediação. A disputa pela construção de sentido assume um papel afetivo. A participação pessoal subjetiva torna-se essencial nas plataformas de mídia social. A atenção a essa demanda está atualmente sendo suprida por influenciadores, ou por padrões de mediação que imitam o comportamento dos influenciadores. Abordando a ampla noção de personagens e cenários do Faroeste Digital para traçar o lado paralelo que reflete a “vida real”, é pertinente observar o comportamento semiótico da comunicação, o processo lógico e emocional de habitar esse mundo alternativo que é a internet e a potência da mediação qualificada para essas relações. Fatores como a *persona*, nichos, comunidades, relações parassociais, memes, e léxicos distintos. Qual o tipo de moralidade que habita esse momento histórico? Quais seriam os desdobramentos de um mundo mediado digitalmente e consumido pelo capitalismo de forma integral? (Tolentino, 2019).

Da mesma maneira que inovações comunicacionais são impulsionadas por como a plataforma possibilita padronização do modus operandi das postagens (interface e ambiente planejado para sugerir alguma experiência do usuário), os usuários também podem adicionar e difundir camadas de padronização de jargões para tipos de consumo ou produção de determinado eixo temático (comédia, rotina, true crime, maquiagem). Para os acontecimentos e ciberacontecimentos, estes são interpretados por qualquer usuário observador comum. A produção de sentido e sobreposição de camadas sobre outras impressões experienciadas

anteriormente (curadoria da experiência individual) infere o processo de tríade peirceana. Restaria explorar se o potencializa, em meio a mistura de uma unidade coletiva de impressões, o único local em nossa interação como sociedade em que há autonomia de, no mesmo instante ao acontecimento, publicar uma imagem que mostra explicitamente (seja ícone, índice, signo) uma representação mastigada da realidade concebida a partir de uma externalização. Falar de Faroeste Digital é falar de estímulos contraditórios; os usuário que curam e dedicam-se a auto-expressão emocional e intelectual, cientes de serem observados e gerarem impressões, essas camadas de sentidos adicionariam para personalização um senso de controle sobre a construção de sua própria auto-narrativa. A partir dessa ilusão, são todos como Dom Quixote, em bravadas que ocorrem no campo das idéias apenas a partir de externalização. Para auto-expressão, majoritariamente se utiliza de produtos e imagens não-autorais, por associação, por proximidade, por cumplicidade e finalmente, por alinhamento moral.

As leis de uma semiosfera material falharão ao tentar impor-se em uma semiosfera abstrata como é a da web. Para acreditar que a linguagem é infinita é preciso não fazer juízos de valor conservadores das novas tendências, muitas novas dinâmicas linguísticas são potenciais comunicativos para difusão de informação engajada, e a banalidade de atribuir patologia à novos comportamentos não impede que a existência - e consequência - de novas e mais complexas interações.

Habitar a realidade e a internet pode estabelecer paralelos, contrastes, dicotomias e paradoxos, dependendo da percepção dos observadores, é uma tensão gerada a partir de dois sistemas culturais distintos. A imensidão surge ao se observar um espaço sem precedentes, um espaço em desdobramento, denota um relativismo como o da escada de penrose, que permitem que a internet seja uma fantasia descontínua, pode-se argumentar que há hierarquia, pode-se argumentar que não. A internet é uma experiência individual e coletiva ao mesmo tempo, a semiose torna-se possivelmente individual e coletiva. Pode-se argumentar a primazia da dominação carismática de Weber em um local de tanto infoentretenimento, embora observando com atenção há também a dominação tradicional a partir das novas classes e subclasses de usuários e de rótulos sociais atribuídos de acordo com parâmetros qualitativos ou quantitativos como; número de curtidas, número de seguidores, patrocínios, adesão à determinada estética, um corpo idealizado, consumo, ostentação. Os ciclos fugazes de comunicação são um sinal de que as “trans-dependências” das dinâmicas sociolinguísticas

são um fluxo rápido demais para ser mapeado ou responsabilizado. É preciso observar não só os ritmos e pêndulos das discussões virtuais em seu imediatismo e algoritmos, como também a historicidade que surge, culturas que surgem, memórias que surgem. Tudo que surge e se estabelece, tudo que surge e ficará registrado para sempre, tudo que surge e é facilmente substituído.

A customização individual de um perfil, blog ou simples post é um dos principais distintivos da curadoria pessoal, o potencial de controle sobre sua própria imagem, sobre sua representação, uma fantasia sobre antecipar a percepção do outro; esse processo pode ser traduzido como a construção da persona assumida virtualmente, o “personagem”, a “máscara” que uma pessoa assume na internet. A customização é uma competência estética, e não se reduz à fotografias, a riqueza multimidiática do Faroeste permite que tudo seja incorporado como intento de desejo ou intento de projeção para identidade, um produto pode representar um *ter* ou um *ser*. Filmes, músicas, comida, objetos, são auxiliares para a suspensão da realidade, começa o hábito da nossa própria fetichização como conceitos, o indivíduo é abstraído da corporeidade e do tempo presente para habitar a camada que constrói sobre si mesmo baseado nas impressões sobre si mesmo. Esses conjuntos imagéticos, buscadores de induções, gatilhos para sugestões, são termos para esses mecanismos que são utilizados para autoidentificação ou identificar o outro, isso porque a leitura do eu e do outro, a representação do alinhamento moral é baseada em uma moral do consumo.

A moral de consumo é uma moral determinada pelo que o indivíduo consome. É um assumir de acordo com a impressão causada, portanto tende a ser um comportamento de caráter generalista. No Faroeste, ao invés de conhecer alguém em carne e osso e acompanhar seu discurso em tempo real, a maioria dos usuários só dispõe de informações fragmentadas sobre o outro. A base de afeto ou desafeto não pode ser inferida nem pela superficialidade da aparência física, visto que não há garantia de que a foto corresponde ao que vos fala. O que resta para julgar o outro é essencialmente adivinhar o alinhamento ideológico, insinuar contexto socioeconômico, espelhar senso de humor. Para adaptar-se a esse novo cenário social, a semiosfera virtual do Faroeste desenvolveu seus próprios ícones, seus próprios índices, seus próprios símbolos. Um habitante do Faroeste, familiarizado com esses rituais sabe que estar associado a algo ou alguém que carrega qualquer tipo de bagagem, como ser fã de um artista “cancelado” pode trazer camadas para sua própria imagem. Falamos quase de uma teoria da moralidade por associação. Por exemplo, a noção de que fãs de um filme com

conotação misógina devam ser considerados também misóginos, pois a imagem de um indivíduo é composta em parte por aquela obra que ele consumiu e colocou em seu perfil, logo, será parte das evidências que rastreiam o ato de ser daquele usuário na imensidão caótica da web.

Essa ênfase na representação da ideia, o peso da performance virtual como ato de legitimar existência é irônico porque trata-se de buscar legitimar-se não só virtualmente mas também na vida real. O indivíduo busca através do espelhamento no outro e na mídia uma validação sobre si próprio ou sobre a imagem que tem de si. É um salto para a cultura de nichos, tribos virtuais e fandoms. É possível observar movimentos de polarização acerca de um determinado produto de acordo com as imagens associadas a ele, as direções das camadas sobrepostas, ramificações das construções de sentido e posteriormente as polarizações interpretativas. Torna-se um potencial ciclo de armadilha epistemológica já que a construção de sentido no faroeste é coletiva e é também uma construção simbólica pessoal.

A construção de camadas de sentidos na semiosfera virtual se diferencia por ser uma semiose feita em um consenso de um signo entregue diretamente. As redes sociais são esses espaços além do físico-material em que a comunicação se adapta de acordo com as possibilidades e restrições. Enquanto que na vida real um cheiro ou um olhar podem ser incisivos no sentido, no meio virtual é preciso buscar ícones ou indícios que não dependam da materialidade, que seja possível interagir com aquele acontecimento sem a necessidade de assumir a realidade, pois trata-se do que o acontecimento representa no contexto determinado pelo Faroeste e não do acontecimento em si. O indivíduo global, o pós-moderno, em sua desconstrução, acaba frequentando a semiosfera virtual e a semiosfera da vida real de forma simultânea, inevitavelmente. As disputas de sentido e tensões entre sistemas culturais insígnies é inevitável na riqueza multimidiática da internet. Surgem cada dia mais, possibilidades de linguagem que não são aplicáveis no mundo material-físico.

Há então duas dimensões ao discutir o Faroeste Digital. Uma delas é a virtualidade em contato com a materialidade, no que diz respeito a acontecimentos e ciberacontecimentos a serem mediados e consolidados na construção da memória coletiva. A dualidade daqueles que são usuários da internet e são seres vivos, e portanto habitam de maneira fluída esses dois campos de realidade, campos que se interpelam inevitavelmente porque todos são agentes da transição da bagagem simbólica entre esses espaços de semiose, acontecem em etapas

simultâneas e implicações distintas, representam a complexidade de uma interação onipresente.

A outra dimensão é o afunilamento da discussão dentro do campo da linguagem e semiótica, que é o potencial e também o risco do Faroeste. Nessa liberdade desconexa há uma experiência coletiva e individual, multifacetada e extremamente parcial, a possibilidade de novas formas de se comunicar enquanto interferem no processo da semiose que deveria ser autônomo, e hoje é transposto por atalhos, signos mastigados, abrevia-se da própria semiose. Os memes, emojis, gírias, trends, tal qual toda outra informação que exista, estão constantemente à disposição para terem o sentido transformado. Enquanto que em um chat online não há possibilidade de mostrar linguagem corporal, fazer barulho, rir, tocar, mas há o advento de enviar uma única imagem estática. Essa imagem estará carregada de tantos sentidos; sentidos que são interpretados por associação de eventos e contextos específicos que em um *punctum* (Barthes, 1997) são capazes de representar uma multitude de sentimentos e críticas ou sátiras. Isto é, apenas para aqueles que participaram daquela construção de sentido, para aqueles que habitam o faroeste, para aqueles que se comprometeram em reconhecer aquela construção de sentido.

A interação entre sentidos da vida real e sentidos virtuais é sentida pelo próprio indivíduo que navega por dois mundos fluídos, o que não impede tensões e desentendimentos. Pessoas com excesso de referências virtuais, chamados de pessoas cronicamente online, ficam limitados se depositos da possibilidade dos atalhos virtuais. Uma frase de um bordão conhecido apenas em um nicho da internet e dita em voz alta para pessoas que não frequentam o mesmo nicho será traduzida para um signo totalmente diferente do intencional, um tema exaustivamente pautado na internet é um tabu social nunca discutido em voz alta, uma palavra pode ser associada à obscenidades em uma rede social e ainda ser enunciada normalmente no almoço familiar. Por isso falar de mediação e de interacionismo torna-se um extensivo estudo da construção de sentido, trata-se de um estudo semiótico, um estudo da possível dualidade da semiosfera, como uma ficção científica a população terrestre torna-se dupla, o corpo do indivíduo torna-se duplo, a existência dupla, as palavras com sentidos todos duplos.

A crise do jornalismo, é um tema já bastante explorado desde meados dos anos 2000, quando o jornalismo e seu formato impresso começaram a disputar espaço com blogs, por exemplo. Pelo artigo de Bruno Leal (2014) sobre a história de percepção dessa crise, ele

referencia Dahlgren (2009) sobre como a própria definição do que é o jornalismo ou quem é o jornalista torna-se turva, os limites dessa autoridade auto-declarada está sendo desafiada;

[...] os limites do jornalismo têm sido desafiados em várias frentes por outros tipos de relações públicas, pela cultura popular, pela comunicação política de defesa, pela informação não noticiosa, ad hoc ou pelo jornalismo cidadão, conteúdo gerado pelo próprio usuário, além de outros fenômenos. (Dahlgren, 2009, p. 147.)

A crise é diversa e extensa, mas nos últimos anos o jornalismo passou a remediar o cenário de desinformação e habita um ambiente digital onde todos têm acesso à técnica e aos acontecimentos, e portanto, questionam o papel do autodeclarado agente democrático. A organização dos meios de comunicação nunca é independente de uma visão da sociedade (Wolton, 2010), o que demonstra possibilidade para um estudo da crise, que não apenas é de mediação mas também de produção e de adesão, o Faroeste é uma cidade imaginária para cada um, mas a unidade é estabelecida no usufruto de cada tipo de plataforma. Os influencers assumem distinções de acordo com o tópico de atuação (influencers de lifestyle, influencer de comida, influencer de livros) e de acordo com o tipo de mídia (vídeo, texto, foto) ou rede social (Instagram, Reddit, Twitter). Os comportamentos, desdobramentos e marcos históricos de influencers no Youtube são um estudo diferente para influencers do TikTok, que são diferentes para influencers do Twitter, e assim por diante.

Diferente do influencer, o jornalista não se preocupa em cativar, embora deveria. Mobilizar a subjetividade - algo que pertence ao indivíduo - é atuar para não reproduzir e sim produzir e transformar antes de transmitir, por isso os influencers podem ser considerados *produtores de conteúdo*, estão se destacando pelo domínio do sequestro cognitivo, atentos à nichos, à novos públicos e novos hábitos cognitivos. O influencer participa organicamente do discurso do usuário do Faroeste Digital, é afinal um usuário que acabou ganhando fama, mas que mantém a fantasia da identificação porque é, acima de tudo, um usuário. O influencer é, acima de tudo, uma pessoa. Ao distanciar-se, assumir uma postura como extensão da entidade corporativa do jornalismo, a tentativa de se aproximar é vista como superficial, é tal qual assumir a postura de uma empresa que opta por marketing *memetizado*. Se um meme fura a bolha e começa a ser utilizado por marcas e bots, é um indício de que está saturado e que o sentido atribuído à piada vai acompanhar as consequências dos sentidos em que for utilizada.

O navegar na web do influencer é um ato etnográfico, ele reconhece a si e ao público como atores e mediadores, o atravessamento dos sentidos evoca o início colaborativo e

despretensioso da Web 2.0. A difusão acelerada de informação e a comunicação potencializada agem sob o ambiente gerando essa multitude de mediações, a natureza desregulada do Faroeste não é equivalente a desorganização, é um fenômeno que permite observar comportamentos de expressão e de apropriações à territorialidade socio-linguística. O indivíduo se reconhece e adere ao outro de maneira intuitiva a partir de pura expressão linguística, preferencialmente no que pode ser interpretado como auto expressão, à medida que o processo de significação é particular e se estende da cosmologia de cada indivíduo.

As consequências da performatividade, ilusão e omissão não devem ser encaradas com teor intencional de moralidade, todos atores são passíveis das distorções causadas por essa meta-realidade, que é o Faroeste Digital, falamos de entropias tão carregadas de dialética material histórica quanto a realidade em si, e é claro que estão passíveis dos movimentos de homeostase. Os usuários transpõem barreiras ideológicas e mentiras enquanto unidade coletiva, através de comunicação, comunicação engajada e polissêmica.

Em suma, a análise semiótica do Faroeste enriqueceu a imagem do ambiente, uma terra que se mostra impermeável à concretude, reconhecer às convenções de hábitos linguísticos ou novas etiquetas sociais são os únicos distintivos de ser um habitante do Faroeste. A experiência dessa terra sem-lei é impulsionada pela própria identidade do indivíduo, uma identidade expressada por linguagem; é portanto a experiência da linguagem do indivíduo. A semiosfera virtual é desregulada sim, à medida que é um processo reflexivo e reflexivo. É uma realidade que pode ser percebida, mediada, experienciada. Não pode, porém, ser delimitada com expectativa de continuidade, temporalidade ou lógica, é o suprasumo da subjetividade humana, é um ambiente artístico.

O artigo evidencia a barreira de éthos do jornalismo enquanto reprodutor do posicionamento da objetividade e imparcialidade no centro do discurso da mediação “profissional”, o jornalismo então é o ator que apela para o tecnicismo e cientificismo, e são dogmas que não podem se aplicar de maneira tão simplista no cenário multimidiático e interseccional da internet. Ao observar a personalidade influencer em comparação com a personalidade jornalista, no estágio atual das tensões produzidas sobre o campo jornalístico pela consolidação das redes sociais digitais como espaço de disputa de sentidos em torno dos acontecimentos públicos, ao buscar porque o jornalismo poderia beneficiar-se da aproximação de novas técnicas ou simplesmente, beneficiar-se da proximidade com o outro, conclui-se uma vasta falta de personalidade. O Faroeste é afinal composto de suas

personalidades, e são as personalidades que constroem narrativas, um posicionamento diante à (ir)realidade. Antes de determinar posturas para o ato de experienciar ou de mediar jornalístico no Faroeste, aceito enquanto pesquisadora e usuária da semiosfera virtual que é necessário se aprofundar no compreender da semiose do Faroeste Digital.

REFERÊNCIAS

ABIDIN, CRYSTAL ; KARHAWI, ISSAAF. **Influenciadores digitais, celebridades da internet e -blogueirinhas-: uma entrevista com Crystal Abidin.** INTERCOM (SÃO PAULO. IMPRESSO), v. 44, p. 289-301, 2021.

AIRES, J.; DOS SANTOS, S. **Coronelismo eletrônico não é uma metáfora: categorização da radiodifusão brasileira.** E-Compós, [S. l.], v. 26, 2022. DOI: 10.30962/ec.2621.

AMÉRICO, E. V. O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman. Bakhtiniana. **Revista De Estudos Do Discurso.** 2017

BARTHES, Roland. **A câmara clara.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** Porto Alegre: Editora L&PM. 2013

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

DARCIE, M.. **Influenciadores digitais, os afetos e a comunicação na comunidade de fãs de League of Legends.** XIII Simpósio Nacional da ABCIBER, 2020.

ESPINDOLA, Polianne Merie. **Cultura De Fãs e Redes Sociais: Como a Cultura Participativa e o Capital Social Atinge as Organizações.** Comunicação e Cidade Espetáculo, 2015. v. 01.

HENN, Ronaldo Cesar. **Jornalismo como semiótica da realidade social.** In: ANAIS DO 17º ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 2008, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2008.

KARHAWI, I. **Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão.** Anais do XI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abrapcorp 2017). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 1-15.

KARHAWI, I. S.. **Crises geradas por influenciadores digitais: propostas para prevenção e gestão de crises.** Anais da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (Abrapcorp). São Paulo: Cásper Líbero, 2019. p. 1-15.

KARHAWI, I. S.. **Autenticidade, intimidade e construção: mapeamento das características da produção de conteúdo dos influenciadores digitais.** Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2022. v. 4

LYCARIÃO, D.; LEITE, A. B. **Política no Facebook: Emergência de novos padrões de compartilhamento de notícias em tempos de crise.** E-Compós, [S. 1.], v. 23, 2020. DOI: 10.30962/ec.1821.

MACHADO, I. **Escola de semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura.** São Paulo: Fapesp; Ateliê Editorial, 2003

MESSIAS, J. **Gambiarra como mediação: um encontro entre materialidades da comunicação e filosofia da técnica a partir das mídias digitais.** E-Compós, [S. 1.], v. 23, 2020. DOI: 10.30962/ec.1848.

TOLENTINO, Jia. **Falso Espelho: Reflexões sobre a autoilusão.** Todavia, 2019. ISBN-10 6551140130.

OLIVEIRA, F. M. ; HENN, R. C. . **Jornalismo e mobilizações em rede: a emergência de uma crise sistêmica.** Belém: UFPA, 2014. v. 1.

OLIVEIRA, Felipe Moura. **A linguagem como lugar epistemológico: contribuições para o estudo do jornalismo.** SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, ed. 15º, 2017.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; OSÓRIO, M. C. HENN, R. **Agir cartográfico: proposta teórico metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede.** Trabalho apresentado em Anais do 28º Encontro Anual da COMPÓS, PUCRS, 2019.

PAUL, D.; CHRISTOFOLETTI, R. Valores morais em disputa entre jornalistas e não-jornalistas. E-Compós, [S. 1.], v. 24, 2021. DOI: 10.30962/ec.2220.

POSTINGUEL, D.; GONZATTI, C.; DE MELO ROCHA, R. **#AnittalsOverParty: a celebridade como mobilizadora de cibercontecimentos, os consumidores-fiscais e a cultura do cancelamento em redes digitais.** E-Compós, [S. 1.], v. 23, 2020. DOI: 10.30962/ec.2037.

RECUERO, R. da C. **Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais.** E-Compós, [S. 1.], v. 2, 2005. DOI: 10.30962/ec.28.



RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. **Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a Desinformação sobre COVID-19 no Twitter.** *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 1. 2020

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento.** In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010. 137 p. (Coleção Comunicação). ISBN 978-85-349-3239-4.

SIMÕES, P.G.; FRANÇA, V.R.V. **Celebridades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea.** *E-Compós*, [S. l.], v. 23, 2020. DOI: 10.30962/ec.1910.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulina, 2010